Os frades menores e o clero português do começo do século XIII

Profª. Drª Teresinha DUARTE[*]

Os frades Menores chegaram a Portugal, provavelmente, em 1217. Como andassem andrajosos, causaram má impressão: "*vemdo-os os poboos veestidos de avito de forma singular, estranhos por língua, temendo que fossem hereges, receberom-nos de maamente e em nehûa maneira nos consentirom que morassem antre elles por qual cousa os fraires chegarom a dona Orraca.*[46] Então, a Rainha os mandou examinar.[47]

É bem provável que tenham respondido aos examinadores, como outrora os primeiros companheiros de Francisco teriam respondido àqueles que lhes perguntavam por sua identidade e mister: *"Somos penitentes e viemos da cidade de Assis".*[48]

A *Crónica da Ordem dos Frades Menores* e também Fr. Manoel da Esperança afirmam que a Rainha os favoreceu e obteve do rei D. Afonso II, seu marido, que lhes construíssem dois conventos: um em Guimarães e o outro em Lisboa. Contudo, como a Infanta D. Sancha (irmã de D. Afonso) tinha ouvido falar das virtudes daqueles primeiros Franciscanos, chamou-os a si para ouví-los, e, a seu pedido e com a sua ajuda, foi construído o convento de Alenquer, atrasando, assim, a fundação do convento de Lisboa.[49] Os frades foram viver em eremitérios fora das respectivas vilas, mas estavam sempre no ambiente urbano para pregar, mendigar ou fazer algum trabalho, com o qual ganhassem o sustento individual e da sua fraternidade.[50]

A vida em ermidas pobres e solitárias, em contato com a natureza, fazia parte da fraternidade franciscana, em seus primórdios: Greccio, La Verna e outros locais foram usados por Francisco e seus companheiros. Todavia, desde o começo foi comum entre os mesmos aquilo que poderíamos chamar de uma "vida mista", na qual se alternava a oração/contemplação e a atividade missionária sobre as ruas e estradas. A pregação itinerante da penitência e a salvação das almas eram, por excelência, o mister no qual se ocupavam.

De acordo com Esperança, especialmente, em Guimarães, os Franciscanos se dedicavam ao serviço do corpo e da alma dos doentes, consolavam-lhes em suas dores físicas e espirituais: preparavam-lhes alimentos e tisanas; curavam-lhes as feridas; limpavam-lhes as enfermarias; consolavam-nos e confortavam-nos espiritualmente. Ainda, de acordo com o cronista, distribuíam-lhes os sacramentos. É bem possível que tal fosse, porque a Ordem, à altura, estava composta de frades leigos e clérigos, incluindo sacerdotes.[51]

Primeiramente, ao que se sabe, Guimarães e Alenquer já eram vilas um tanto urbanizadas à época, o quê de imediato demonstra uma diferença entre os Franciscanos e as demais ordens religiosas no Reino, com exceção dos Crúzios, que estavam instalados em cidades como Lisboa e Coimbra. As outras ordens se instalavam em grandes propriedades na zona rural.

Ao fazer opção para viver pobre e com os pobres, Francisco e seus companheiros, fizeram opção de viver nas cidades, porque eram os locais aonde os pobres mais se ajuntavam. Pobres

---

[*]. Professora no Departamento de História do Campus Avançado de Catalão/UFG.

[46]. *CRÓNICA da Ordem dos Frades Menores (1209-1285) I*. (editada por José Joaquim Nunes). Coimbra. Imprensa Universitária. 1918. Volume 1. p. 15. Também, Fr. Marcos LISBOA. *Chronicas Antiguas de la Orden de los Frayles Menores de Nuestro Seráfico Padre San Francisco.* Salamanca. Inprensa de Antonia Ramirez. 1626. Tomo I p. 78 e a Fr. Manoel da ESPERANÇA. *História Seráfica da Ordem dos Frades Menores na Província de Portugal.* Lisboa.Officina Craesbekiana. 1656. Parte I p. 61 mencionam o receio da população local, ante aquele novo tipo de religiosos, de fala estranha e modos rústicos.

[47]. Cf. *Crónica da Ordem dos Frades Menores (1209-1285).* 1. *Op. cit.* p. 15.

[48]. *O Anônimo Perusino* 4, 19. In. *São Francisco. Escritos e biografias de São Francisco de Assis. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano.* 6. ed. Petrópolis. Vozes: CEFEPAL do Brasil. 1983. p. 708.

[49]. Cf. *Crónica da Ordem dos Frades Menores (1209-1285). 1. Op. cit.* pp. 15-16 e *História Seráfica, I. Op. cit.* p. 63.

[50]. Cf. *História Seráfica I. Op. cit.* p. 68; 138.

[51]. Cf. *História Seráfica I*. p. 140.

sempre existiram. Entretanto, o aumento deles, no correr dos séculos XI, XII e XIII foi o resultado das transformações sócio-econômicas que sacudiram o Ocidente Medieval, fruto da incompatibilidade entre a capacidade produtiva da terra e o crescimento demográfico, gerando um excedente populacional que se manifestava na escassez de terras para os filhos mais novos. Escassez, também, de alimentos. A sociedade rural não conseguia mais assimilar toda a população como no passado.

Passada a estranheza das primeiras impressões que os Menores causaram na população portuguesa, quando chegaram ao Reino, começaram a ganhar a admiração e a simpatia do povo. Em Guimarães mesmo, a população quis tê-los mais próximos da vila, o quê resultou na primeira mudança do convento, feito de ramos de árvore em paliçadas, com teto de colmo – como as casas dos pobres – ainda na Fonte Santa, na Serra da Penha. Mudaram, então, para Vila Verde, local que ficava entre o antigo eremitério e a vila. A razão da mudança, ao que parece, teria sido o bálsamo da caridade que os frades espargiam e que os habitantes da vila desejavam mais perto.[52]

Em Alenquer, os Franciscanos impressionavam a Infanta D. Sancha com a sua pobreza, pois as crônicas antigas dizem que a Infanta os fez chamar para ouvi-los, depois, teve tanta familiaridade com eles que não apenas encabeçou a fundação de um convento para eles, naquela vila, como tinha, em sua casa, alguns hábitos para quando eles lá chegassem molhados.[53]

Mas, a santidade dos frades Menores, naqueles primeiros tempos, não estava limitada à pobreza e às práticas da caridade cristã. Os cronistas guardaram a memória de um frade anônimo, de quem dizem, que foi companheiro do santo Frei Zacarias e um dos enviados por Francisco. Era um frade solitário que vivia constantemente em oração. Mais ainda: *"fugia muyto a companhia das molheres"*.[54] Entretanto, havia uma donzela, que passou à história com o nome de Maria Conrrate, que lhe tinha devoção e desejava aconselhar-se com ele. Aconteceu, porém, que:

> *"hum dia chegamdo a elle desconvinhavelmente, respondeu-lhe o fraire: Traze me fogo e palhas e dezer-te-ey por que te nom fallo. A quall como trouxesse o fogo e as palhas, o fraire açendeo-as e disse-lhe. Quamto ganham estas palhas com o fogo, tamto o servo de Deus ganha fallando com a molher. E ela comfundida de vergonha parti-sse".*[55]

Em seu relato, o cronista quis afirmar que se tratava de um homem e de um religioso casto. Muito provavelmente, aquele frade não existiu historicamente. E estaríamos diante de um *topos* – uma construção literária – no qual um homem santo é tentado por uma mulher e vence a tentação e a mulher se converte, tipologia herdada das *Vitae Patrum*. Estaríamos, pois, diante de uma construção literária feita pelos cronistas para enfatizar a pureza e a santidade dos Menores.[56]

Ao meu ver, os cronistas quiseram enfatizar as virtudes dos primeiros frades com o objetivo de chamar a atenção de seus leitores para se fazer uma distinção entre as virtudes deles e os vícios do clero local, naquele período. Mas, em que eles se diferenciavam do clero português, no começo de duzentos? E como era o estado deste último?

Alexandre Herculano, ao falar da entrada dos Franciscanos em Portugal, além de considerá-los uma *"ordem nova"* os considerou uma ordem diferente das ordens antigas. Para ele, a

---

[52]. Cf. *História Seráfica I*, *Op. cit*. p. 141 e Luís de PINA, *Franciscanos e Dominicanos nos Hospitais Vimaranenses da Idade Média.* Conferência realizada na Associação Médica Lusitana em 7 de Fevereiro de 1929. Braga. Edição do Boletim Mensal da Ordem Terceira. 1929. p. 29.

[53]. Cf. *Crónica da Ordem dos Frades Menores 1. Op. cit.* p. 16; *História Seráfica I. Op. cit. p.* 68 e 70.

[54]. *Crónica da Ordem dos Frades Menores I. Op. cit*. p. 16.

[55]. *Idem*. p. 16. Ver, ainda *História Seráfica I. Op. cit.* p. 76.

[56]. Nas lendas hagiográficas e nos *exempla* um homem santo, monge ou eremita, usa meios violentos, para afastar as tentações. Naquela literatura, o fogo tinha papel especial, poderia, como metáfora, queimar a alma, ou como fogo real, vencer a tentação sexual. A mulher encarna a tentação para os homens, por causa da natureza de seu espírito e porque desencadeava os instintos masculinos mais baixos, fazendo os homens cair no pecado da carne. Mario PILOSU "A vitória sobre a tentação na Idade Média: exempla e vida dos santos". In. *A Mulher, a luxúria e a Igreja na Idade Média.* Trad. Maria Dolores Figueira. Lisboa. Estampa. 1995. pp. 59-72.

situação do clero regular, em Portugal, era bastante semelhante à situação na Europa, como um todo. Desde o século X a disciplina monástica afrouxou e a corrupção imperava, apesar das sucessivas reformas dos séculos X e XI.[57] O autor traçou, com cores sombrias, a realidade do clero regular português à chegada dos Menores em Portugal: *"As congregações antigas eram corpos privilegiados, ricos, poderosos e, portanto, ligados naturalmente à nobreza".*[58] Riqueza, privilégios e poder: pouca ou nenhuma santidade.

Além do fato do clero ser rico e ligado à nobreza, tinha também um peso político adverso à centralização monárquica. José Mattoso parece concordar com Herculano quanto à situação do clero, em Portugal, no século XIII. Embora, o autor não comente os seus vícios, deixa claro que a *"época de ouro"* do monaquismo, em Portugal, aconteceu entre o final do século XI e o final do século XII. Mattoso prefere tratar da conjuntura social e política adversa, bem como das mudanças da conjuntura eclesial e da falta de habilidade do clero regular em se adaptar à nova realidade e em responder aos novos desafios eclesiais.[59]

A conjuntura social e política, em Portugal, naquele momento, foi marcada pela crise que envolveu o país desde o começo do reinado de Sancho I, devido às invasões almóadas de Yussuf e de Abu Yaqub, em 1184 e em 1190-1191, e uma série de maus anos agrícolas entre 1190 e 1210, acompanhados de fome e peste.

Também, fez parte daquela conjuntura, o tipo de governo de Afonso II, baseado no processo legislativo e na supremacia dos poderes régios, bem como as dificuldades de desbravamento das terras do centro e sul do País, aliadas à sedução exercida pelas vilas – manifestação dos primeiros indícios de crescimento urbano. As transformações sociais fizeram com que as famílias de ricos-homens se preocupassem em *"controlarem os melhores postos políticos da cúria régia e os melhores lugares da hierarquia eclesiástica",*[60]de forma oportunista.

De acordo com Mattoso, a isto se juntavam mudanças nos meios eclesiásticos, como a decisiva supremacia episcopal e do clero secular sobre o monástico, que vinha se acentuando desde o século XII, especialmente pela eficiência de sua organização e da sua máquina administrativa e pelo conhecimento do Direito romano e canônico. Somava-se, ainda, a perda da pujança dos eremitas bem como a perda do dinamismo dos movimentos monásticos e o fato de que os patronos se tornavam mais ciosos de seus direitos sobre os mosteiros, como a *"defesa do seu patrimônio simbólico".*[61]

Completavam o quadro: as dissensões entre os Crúzios, o enriquecimento dos monges de Alcobaça e a incapacidade do monaquismo beneditino de se fazer presente fora da região senhorial de Entre Douro e Minho, isto é, em regiões de fronteira, como o Sul recém saído do domínio muçulmano. Como se vê, o clero optava, naturalmente, por um estilo de vida religiosa baseado na *"estabilidade, tradicionalismo e conservadorismo".*[62]

Quanto às Ordens Militares que tiveram um papel tão importante *"em duas linhas de força: a guerreira, que permitia acompanhar as lutas da Reconquista e impedir a ofensiva dos Sarracenos; e a de povoamento do território, nas terras submetidas ao domínio cristão".*[63] Depreende-se desta observação de Joaquim Veríssimo Serrão, que tiveram seus dias de glória no

---

[57]. Alexandre HERCULANO. *História de Portugal. Desde o começo da monarquia até o fim do reinado de Afonso III.* Tomo II. Lisboa. Livraria Bertrand. 1981. p. 304

[58]. *Idem*. p. 304.

[59]. Cf. José MATTOSO. *Portugal Medieval. Novas interpretações*. 2. ed. Lousã. Imprensa Nacional-Casa da Moeda. 1992. pp. 101-122; 389-408 e seguintes.

[60]. *Idem*. pp. 390-395.

[61]. *Ibidem.* p. 404.

[62]. *Ibidem.* pp. 405.

[63]. Cf. J. Veríssimo SERRÃO. *História de Portugal. Estado, Pátria e Nação (1080-1415).* 2.ed. Lisboa. Verbo. 1978. Volume I. p. 167.

transcorrer do século XII e pelo menos uma de suas funções, a guerreira, se exauriu na primeira metade do século XIII.[64]

Mas, em um ambiente religioso como o que imperava em toda a Cristandade, no primeiro quartel do século XIII, não é de se admirar que houvesse, em Portugal, também, pessoas sequiosas por uma vida de maior perfeição, como em outros locais. Entendo que seja nisto que reside a aceitação que os frades Menores encontraram entre o povo português.

Se a vida pobre, a pregação, o exercício da caridade cristã e a pureza de vida foram fatores que os tornaram benquistos junto à população, mas também, a atitude despretensiosa dos mesmos em relação às querelas pelo poder e por terras os tornava, a um mesmo tempo, diferentes do clero local – quer o regular ou o secular – e os fazia parecer inofensivos ao poder real, cioso para controlar o poder. A postura daqueles irmãos os limitava no âmbito do poder espiritual, fator importante em uma sociedade onde as desavenças oriundas da intromissão do espiritual na esfera do temporal e vice-e-versa eram constantes.

Assim, eles não representavam nenhum perigo para o poder temporal, encabeçado pelo Monarca português; diferentemente dos dominicanos – uma ordem nova, também, e que chegou a Portugal naquela mesma época – mas que se meteram a estabelecer leis para o Reino, entrando em conflito com o Rei.[65]

Além de se estabelecerem em Guimarães e Alenquer, com o apoio da família real portuguesa, os frades Menores se estabeleceram, também, em Coimbra e Lisboa, no começo da década de 1220, também com o apoio da família real. Possivelmente, por conta de intrigas do clero local não puderam fundar nenhuma outra casa em outros locais, naqueles primeiros anos, no País. Só vieram a fazê-lo a partir da década seguinte com apoio da população local e do Papa Gregório IX.

BIBLIOGRAFIA

Fontes

CRÓNICA da Ordem dos Frades Menores (1209-1285) I. (editada por José Joaquim Nunes). Coimbra. Imprensa Universitária. 1918. Volume 1

BRANDÃO, Fr. António. *Crónicas de D. Sancho I e de Afonso II.* Porto. Livraria Civilização. 1945

_____, *Monarquia Lusitana.* Lisboa. Imprensa Nacional: Casa da Moeda. Parte Quarta. 1974

ESPERANÇA Fr. Manoel da. *História Seráfica da Ordem dos Frades Menores na Província de Portugal.* Lisboa.Officina Craesbekiana. 1656. Parte I

LISBOA, Fr. Marcos. *Chronicas Antiguas de la Orden de los Frayles Menores de Nuestro Seráfico Padre San Francisco.* Salamanca. Inprensa de Antonia Ramirez. 1626. Tomo I

O ANÔNIMO Perusino. In. *São Francisco. Escritos e biografias de São Francisco de Assis. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano.* 6. ed. Petrópolis. Vozes: CEFEPAL do Brasil. 1983. pp. pp. 698-724.

Referências Bibliográficas

CAEIRO, Francisco da Gama. "Os primórdios dos frades pregadores em Portugal Enquadramento Histórico- Cultural". In. *Actas do II Encontro sobre História Dominicana.* Separata. Arquivo Dominicano Português. Vol. III/1. 1984. Porto. pp. 161-173

HERCULANO, Alexandre. *História de Portugal. Desde o começo da monarquia até o fim do reinado de Afonso III.* Tomo II. Lisboa. Livraria Bertrand. 1981

---

[64]. *Idem.* pp. 166-173.

[65]. A este respeito ver Fr. António BRANDÃO, *Crónicas de D. Sancho I e de Afonso II.* Porto. Livraria Civilização. 1945. pp. 241-242 Fr. António BRANDÃO *Monarquia Lusitana.* Lisboa. Imprensa Nacional: Casa da Moeda. Parte Quarta. 1974. fls.107vº e 108. Ver, igualmente, o artigo de Francisco da Gama CAEIRO. "Os primórdios dos frades pregadores em Portugal Enquadramento Histórico- Cultural". In. *Actas do II Encontro sobre História Dominicana.* Separata. Arquivo Dominicano Português. Vol. III/1. 1984. Porto. pp. 161-173.

PILOSU, Mario. “A vitória sobre a tentação na Idade Média: exempla e vida dos santos”. In. *A Mulher, a luxúria e a Igreja na Idade Média.* Trad. Maria Dolores Figueira. Lisboa. Estampa. 1995.
PINA, Luís de. *Franciscanos e Dominicanos nos Hospitais Vimaranenses da Idade Média.* Conferência realizada na Associação Médica Lusitana em 7 de Fevereiro de 1929. Braga. Edição do Boletim Mensal da Ordem Terceira. 1929.
MATTOSO, J.. *Portugal Medieval. Novas interpretações*. 2. ed. Lousã. Imprensa Nacional-Casa da Moeda. 1992.
SERRÃO, J. V.. *História de Portugal. Estado, Pátria e Nação (1080-1415).* 2.ed. Lisboa. Verbo. 1978. Volume I.

Resenha

Filme: A vida de Brian
(Monty Python´s life of Brian)

Daniel NOLASCO[66]



Cena do filme A vida de Brian: o musical dos crucificados

A certa altura no filme *A Vida de Brian* o protagonista, Brian, está fugindo da perseguição dos soldados romanos e sem perceber cai de uma torre, mas antes que ele se arrebente no chão cai dentro de uma nave aliênigina que estava passando por ali – a mensagem dessa cena é direta, como se trata de um filme que parodia a vida de Jesus, diz que acreditar nos milagres e paixão de Cristo é a mesma coisa que acreditar em seres extraterrestres. É nesse tom que o grupo de humoristas Monty Python conduz todo o filme, por isso, não é de se admirar que eles tiveram que enfrentar indignação dos católicos, protestantes e judeus que se reuniram nas portas do cinema para protestar contra a exibição do filme na época do seu lançamento. A fúria de cristãos e judeus se voltava para a história de Brian, um pobre coitado que nasceu a mais de dois mil anos atrás e teve sua vida destruída porque desde seu nascimento foi confundido com Jesus de Nazaré.

Lançando em 1979 e escrito, produzido, dirigido e representado pelo grupo de comediantes ingleses Monty Python, formado por Jhon Clesse, Eric Idle, Terry Gilliam, Terry Jones, Michael Palin e Graham Chapman, consegue em menos de duas horas de duração demolir, com um humor sarcástico e irônico, todos os pilares da ideologia cristã ocidental.

Essa sátira anárquica começa com o nascimento de Brian, que ocorre no mesmo dia de Jesus Cristo e já começa a sofrer com os enganos – com os três reis magos visitando a manjedoura “errada”. A partir daí, o grupo destila seu humor caustico por todos os principais acontecimentos do novo testamento: começando com um sermão da montanha onde a pessoas não ouvem nada e o que escutam compreendem errado; por uma execução de apedrejamento infestada por mulheres disfarçadas de homens; um ex-leproso que teve sua vida arruinada quando o Nazareno resolveu lhe curar a lepra; um Pôncio Pilatos que troca o “r” pelo “l”; culminado na antológica cena do musical dos crucificados cantado *Always look on the bright side of life.*

[66] Aluno de graduação em História (3º.ano) UFG-CAC.